



## **No mundo das palavras de Françoise Choay: decodificando o modelo**

*In Françoise Choay's world of words: decoding the model*

*En el mundo de las palabras de Françoise Choay: decodificando el  
modelo*

PONTUAL, Virginia<sup>1</sup>

PEREIRA, Júlia da Rocha<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco; Centro de Artes e Comunicações; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Recife, Pernambuco, Brasil.  
viriniapontual@gmail.com  
ORCID: 0000-0001-8626-6675

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco; Centro de Artes e Comunicações; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Recife, Pernambuco, Brasil.  
juliarpereira@gmail.com  
ORCID: 0000-0002-1656-0577

Recebido em 07/04/2023    Aceito em 04/07/2023



## Resumo

A filósofa francesa Françoise Choay tem sido referência para estudos do campo do urbanismo e do patrimônio cultural. Com o intuito de aprofundar a interpretação das palavras apropriadas por Choay e seus diferentes sentidos atribuídos, foram analisadas as obras *L'Urbanisme* (1965) e *A regra e o modelo* (1980). O fio condutor da análise crítica das duas obras foi a palavra *modelo* e as questões postas considerando as duas obras. A partir dessa perspectiva foi perseguido o tensionamento entre compreensão e interpretação em Françoise Choay, novos enquadramentos de sua obra, desvelando seus enunciados e os signos trabalhados.

**Palavras-Chave:** Modelo, Françoise Choay, Urbanismo, História do Urbanismo, Semiologia.

## Abstract

*The French philosopher Françoise Choay has been a reference for urbanism and cultural heritage studies. In order to understand the words appropriated by Choay and their different meanings, the books *L'Urbanisme* (1965) and *The Rule and the Model* (1980) were analyzed. The word *model* and its different interpretations were the critical focus of the two texts. Therefore, the tension between understanding and interpretation in Françoise Choay was pursued, new frameworks of her work, unveiling her statements and associated signs.*

**Key-Words:** *Model; Françoise Choay; Urbanism; Urbanism History; Semiology.*

## Resumen

*La filósofa francesa Françoise Choay ha sido un referente para los estudios en el campo del urbanismo y del patrimonio cultural. Para la interpretación de las palabras apropiadas por Choay y sus diferentes significados, fueron analizadas las obras *L'Urbanisme* (1965) y *La regla y el modelo* (1980). El hilo conductor de la crítica de las dos obras fue la palabra *modelo* y sus diferentes interpretaciones. Así, se persiguió la tensión entre comprensión e interpretación en Françoise Choay, nuevos encuadres de su obra, revelando sus enunciados y los signos asociados.*

**Palabras clave:** *Modelo; Françoise Choay; Urbanismo; Historia del Urbanismo; Semiología.*



## 1. Introdução

As palavras de Françoise Choay têm norteado estudos no campo do urbanismo e do patrimônio cultural nas últimas décadas. Com o intuito de aprofundar a interpretação das palavras apropriadas por Choay e seus diferentes sentidos atribuídos, analisamos diferentes obras da autora traduzidas para o português e em seu idioma original.<sup>1</sup> A presente investigação concentrou as atenções no vocábulo *modelo*, manejado por Choay, sobretudo nas publicações *L'Urbanisme* e *A regra e o modelo*. Para tanto, a compreensão e interpretação dos enunciados das citadas obras, de outras obras da autora e das referências adotadas possibilitou a tessitura entre os diferentes sentidos atribuídos à palavra *modelo*. *Modelo*, nesse sentido, pode ser caracterizado como signo qualificado em *L'Urbanisme* e em *A regra e o modelo*.

Para desvelar as práticas da escrita de Françoise Choay, em *L'Urbanisme*, o conhecimento de outras obras dessa autora operou como apoio. A base instrumental adotada foi a análise de discurso (FOUCAULT, 1987 e 2000) e o entendimento adquirido proveniente da antropologia estrutural de Lévi-Strauss (2008 e 1993) e da semiótica de Barthes (2006). A aproximação crítica ao pensamento da filósofa permite trabalhar com a *palavra e seu oposto*, consciente e inconsciente, significante e significado, semelhanças e diferenças. Não todas as palavras, mas as metáforas, analogias, conotações, enunciados e formulações.

A primeira leitura do texto do livro resultou na apreensão da organização da obra, os autores escolhidos, os conceitos, as referências e a concessão de significado(s). Em seguida, foi empreendida a leitura da Antologia, seguindo cada um dos nove agrupamentos conceituais designados por Choay, e em cada um, a exegese de autor por autor. Ao separar do texto sistemas linguísticos e os significados conotados por Choay, pode-se analisar se são os mesmos apreendidos pelo(a) leitor(a) ou se são distintos. Tais procedimentos conduzem o leitor a descobrir, enunciados, palavras, metáforas, analogias, semelhanças e identificar o que é signo, significado, significante e, especialmente, o *modelo*. Com a finalização da interpretação da Antologia, seguiu-se para empreender os mesmos procedimentos no texto *O Urbanismo em Questão*. Uma atitude perseguida desde a primeira leitura foi a de promover o tensionamento entre compreensão e interpretação, respectiva a análise do discurso.

Estratégia semelhante foi adotada para a interpretação dos sentidos atribuídos à palavra *modelo* na obra *A regra e o modelo*. A articulação entre o texto e as referências utilizadas por Choay suscitou a leitura e o entrelaçamento com reflexões de outros autores (FOUCAULT, 1987; BARTHES, 2006; LÉVI-STRAUSS, 2008), como já explicitado.

A perspectiva adotada na presente investigação almeja contribuir na exploração de novas possibilidades interpretativas dos textos de Françoise Choay, desvelando seus enunciados e os signos trabalhados, para além da já consagrada contribuição da autora em contexto nacional e internacional.

## 2. *L'Urbanisme* e a palavra *Modelo*

A primeira edição de *L'Urbanisme: utopie et réalités, une anthologie*, foi publicada pelas *Editions du Seuil*, em 1965. A leitura do título leva a inquirir sobre as motivações de Choay optar por utilizar o gênero literário da Antologia no campo do urbanismo. No final do século XIX, a Antologia, como uma coleção de textos ou de excertos de textos de um mesmo autor ou sobre um mesmo tema, já era um

---

<sup>1</sup> Todas as citações de trechos das obras consultadas em francês ao longo do presente artigo foram traduzidas livremente pelas autoras.



gênero literário muito utilizado e popularizado. Ao adotar a Antologia, Choay renova a maneira de escrever sobre urbanismo, mas principalmente apresenta uma série de autores como pensadores da cidade.

Este livro foi escrito num contexto de turbulências na academia e na política, principalmente, na ENSBA com a implantação das unidades pedagógicas, entre os intelectuais com a adoção das ciências humanas e sociais aplicadas em cursos especializados. As soluções arquitetônicas e urbanísticas empregadas para resolver a necessidade de habitação após a II Guerra Mundial e da Guerra da Argélia, denominadas de grandes conjuntos, a exemplo dos de Sarcelles e o Le Nouveau Créteil, e tantos outros como estão citados por Peixoto (2021, p. 17), foram alvos de muitas críticas como as emitidas por Baudin et Genestier (2006).

A arquitetura dos grandes conjuntos foi rejeitada por Choay (1960 e 1964), que passa a considerar a existência de uma crise da arquitetura e do urbanismo. Por outro lado, não há como minimizar a politização dos embates com os sociólogos, sejam aqueles integrantes do *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP), sejam aqueles integrantes dos quadros técnico-profissionais de outras instituições governamentais ou não (VIOLEAU, 2005).

No âmbito desse contexto intelectual, técnico-profissional e político Françoise Choay produz o livro *L'Urbanisme*, não num gesto impulsivo, mas como resultado de pesquisas em acervos franceses e de outras nacionalidades. Além dos contatos intelectuais nas viagens aos Estados Unidos (anos de 1950), Brasil (Brasília, 1959), Japão (Tóquio, 1960), Alemanha (Berlim, 1957) dentre outras.

*L'Urbanisme* apresenta, seja na edição em português, Editora Perspectiva, em 1979, seja na em francês, Éditions du Seuil, em 2014, duas partes: uma, a Antologia, outra, o texto no qual constam abordagens teóricas e metodológicas.<sup>2</sup> Supõe-se que essas duas partes sejam articuladas como escrita e como saber.

Sabedora das diferentes possibilidades que uma Antologia propicia ao autor, Choay associou o tema: O Urbanismo em Questão às investigações empreendidas pelos pensadores da cidade e constantes na Antologia. Contudo, Choay estava atualizada a respeito dos debates em voga nas ciências humanas, o que possibilita convergência com Serrani (2008, p. 3), ou seja, esse gênero literário funciona “como discurso [...] sua formulação e enunciado”. Uma constatação é a de que a Antologia tem sido objeto secundário nos estudos elaborados, poucos fizeram uma leitura cuidadosa do conjunto textual constante em cada pensador.

Na Antologia, os trechos das obras dos pensadores da cidade que Choay transcreve e, por vezes também traduz, sofrem um deslocamento para a escrita dessa filósofa, e, como nas demais escritas, passam por uma alteração de intenção do pensador inicial para a de Choay, segundo a inspiração em Foucault (1987).<sup>3</sup> Antes de iniciar os trechos das obras dos pensadores da cidade, Choay explica que

---

<sup>2</sup> Traduções de *L'Urbanisme*: Choay, F. La Città: utopie e realtà. Torino: G. Eunadi, 1973, traduzione di Paola Ponis; Choay, F. El Urbanismo, utopías y realidades. Barcelona: Editorial Lumen, 1970, traducción Luis del Castillo.

<sup>3</sup> O estudo empreendido por Choay com um amplo conjunto de autores de diversas línguas e experiências, resultou na escolha de trinta e oito autores segundo nove *modelos*. Destes quatro eram russos, seis alemães, seis ingleses, cinco americanos, um austríaco, dois britânicos, um grego, um escocês e doze franceses. Isto é, os pensadores da cidade franceses constituíram a maioria. Desses Choay traduziu trechos ou excertos de textos de doze autores, isto é, aproximadamente trinta por cento dos autores: Robert Owen, Benjamim Ward Richardson,



antecedem os trechos “uma breve nota histórica”. Essas notas são de suma importância dado que funcionam como contexto. Os títulos e subtítulos foram na maior parte concedidos por essa filósofa e “servem como pontos de referência e para sublinhar temas” (CHOAY, 1979, p. 58); ou seja, contém o sentido que ela desejou dar. É oportuno deixar claro que na Antologia nenhum dos pensadores da cidade teve sua obra transcrita no todo, mas apenas enxertos de trechos.<sup>4</sup> As obras traduzidas e transcritas por Choay e que constam na Antologia estão na bibliografia ao final do presente texto.

Tais colocações são importantes para que a palavra *modelo* seja problematizada. No século XIX, Ferdinand Saussure, inaugura com a linguística e, depois, com a semiologia, um outro momento de compreensão da palavra *modelo*. Ao concluir *L'Urbanisme*, Choay já estava dedicada ao estudo da antropologia estrutural de Lévi-Strauss e a semiologia de Barthes, daí que o artigo dessa filósofa *Sémiologie et Urbanisme* já está publicado desde 1972.<sup>5</sup> Pressupõe-se que a Antologia já estava permeada de tais compreensões, tendo sido com tais suportes que Choay nomeou os *modelos* em nove figuras verbais: i) pré-urbanismo progressista, ii) pré-urbanismo culturalista, iii) pré-urbanismo sem modelo, iv) urbanismo progressista, v) urbanismo culturalista, vi) urbanismo naturalista, vii) tecnopia, viii) antropópolis, ix) filosofia da cidade. Contudo, cabe lembrar a hipótese de que esse número de modelos pode variar. Cada pensador da cidade selecionado por Choay pode ter elaborado um modelo ou não e constituir outras semelhanças possíveis.

Do conhecimento da produção bibliográfica<sup>6</sup> dessa filósofa – artigos, livros e entrevistas –, agregam-se autores que já escreveram sobre Françoise Choay – trajetória, contribuições e críticas. A procura dos significados da palavra *modelo* em *L'Urbanisme*, a base instrumental, o conhecimento dos escritos de Choay e do estado da arte conduzem às seguintes questões: seriam nove modelos? Ou nove conjuntos de modelos? Teriam as denominações que Choay concedeu? A hipótese é que não são nove modelos, mas esse número pode variar conforme os autores, as questões e o suporte teórico considerados. Para tanto, a leitura crítica foi iniciada pelos trechos das obras dos trinta e oito autores constantes na Antologia de *L'Urbanisme*.

## 2.1. A Antologia dos pensadores da cidade segundo Françoise Choay

Na Antologia, Françoise Choay estabelece agrupamentos e caracterizações a partir de trechos de textos de diferentes autores e pensadores do campo do urbanismo. Para além da perpetuação das classificações e interpretações de Choay, o conjunto textual apresentado pode elucidar outros agrupamentos e novas categorizações a partir da explicitação dos significados e dos signos trabalhados pela filósofa francesa.

---

Augustus Wleby Northmore Pugin, William Morris, Walter Gropius, Franck Lloyd Wright, Relatório Buchanan, Patrick Geddes, Lewis Mumford, Jane Jacobs, Leonard Duhl, Kevin Lynch. (CHOAY, 1979).

<sup>4</sup> Na Antologia, em nota explicativa anterior aos autores Choay (1979, p. 58) diz: “A lista das obras de que extraímos dos textos escolhidos figura no fim destes, com indicação das páginas citadas na ordem em que as reproduzimos”.

<sup>5</sup> Barthes (2006, p. 41) explica que o campo teórico da semiologia consta do conjunto conceitual da linguística fora dos contextos social e cultural, mas instrumento de comunicação, tendo por axioma a duplicidade semântica, quais sejam: sincronia/diacronia, língua/fala, significante/significado, consciente/inconsciente e sintagma/paradigma. Essas duplicidades fazem parte da língua e são dadas a conhecer pela palavra, o discurso.

<sup>6</sup> O levantamento dos artigos publicados por Choay em diversos periódicos, permite uma maior familiaridade sobre seu estilo de escrita, os temas preferidos e as interlocuções teóricas. A contagem realizada totaliza aproximadamente 260 artigos, escritos entre 1956 e 1996 (Ouahés, 1999). Quanto aos livros publicados até 2014, foram identificadas 18 obras. Cada uma teve mais de uma edição e foi publicada em vários idiomas. Ainda cabe registrar que foram consultados 11 autores que já estudaram sobre Françoise Choay.



O início da discussão sobre a caracterização do *modelo*, paradoxalmente, é feito por sua antítese. Da leitura do filósofo comunista Friedrich Engels depreende-se a recusa a qualquer modelo. Para Engels, escreve Choay (1979, p. 140): “o alojamento, [...], é tão somente um aspecto parcial de um problema geral de que não pode ser dissociado e que só a ação revolucionária permitirá resolver”. Quando da leitura do filósofo comunista Karl Marx, companheiro de Engels, infere-se que a história é a história da luta de classes, conforme consta no subtítulo colocado por Choay (1979, p. 148): “contra o mito da desordem”. O capitalista adquire a figuração da desordem e como tal possui o poder econômico sobre a sociedade industrial (BARTHES, 2006, p. 58). Ou seja, é na história da luta de classes que conta como o capitalista atua para dar uma aparência de desordem.

A leitura dos trechos da obra do geógrafo comunista Pierre Kropotkin aponta crítica às utopias progressistas como à formulação de *modelo*. Os membros do Comitê Central do Partido Comunista Soviético, Nikolaï Bukharin e Evgueny A. Preobrajensky tecem críticas às condições de moradia dos operários e clamam, como os demais, pela revolução proletária (Choay, 1979, pp. 158). A evidência é a de que não há *modelo*, e o signo é a revolução proletária.

A relação entre arquitetura e escrita foi explorada por meio da análise de trechos da obra do poeta francês Victor Hugo<sup>7</sup>. O título adotado por Choay é *A Cidade é um Livro*, e o subtítulo: *Livro de pedra e livro de papel*. Para Victor Hugo (CHOAY, 1979, p. 324), “A arquitetura começou como qualquer escrito. Em primeiro lugar, foi alfabeto. Colocava-se uma pedra, e isso era uma letra, e cada letra era um hieróglifo [...]. Mais tarde, fizeram-se palavras [...]. Finalmente, fizeram-se livros”. Para Victor Hugo-Choay (1979, p. 326-327), Paris “não era apenas uma bela cidade; era uma cidade homogênea, um produto arquitetônico e histórico da Idade Média, uma crônica de pedra”. Palavras, analogias e metáforas linguísticas empregadas para enaltecer a Paris do século XV, a da Revolução Francesa de 1789 e a do Prefeito Haussmann a partir de 1853 operam como signos da poética de Victor-Hugo.

Como uma crítica à fragilização dos sentidos humanos, frente à enorme quantidade de incentivos advindos com a profusão de atividades urbanas, Choay apresentou o texto “As grandes cidades e a vida do espírito”, do filósofo alemão Georg Simmel, que segundo a autora (1979, p. 330), é uma precedência a uma obra maior, “A Filosofia do Dinheiro” (1900). Simmel-Choay (1979, p. 334) propalam: “as grandes cidades concedem ao indivíduo uma forma e um grau de liberdade de que não há exemplo em nenhum outro lugar”. As dualidades linguísticas combate/conciliação, liberdade/aprisionamento, intelectualidade/ignorância, indivíduo/coletivo mostram os significados opostos contidos nesse discurso.

Ainda como crítica à sociedade industrial, Choay expôs a obra intitulada “A Decadência do Ocidente” do filósofo alemão Oswald Spengler, publicada em 1918 que alcançou então sucesso editorial. O olhar de Spengler sobre o cenário ocidental era muito negativo devido ao contexto socioeconômico pós I Guerra Mundial, daí a crítica às metrópoles da sociedade industrial. O título principal dado por Choay (1979) aos trechos da obra de Spengler foi: *Esterilidade da Grande Cidade*, enunciando que uma natureza hostil dificilmente poderia gerar qualquer coisa.

Para Choay a obra “Ensaio e Conferência” do filósofo alemão Martin Heidegger, publicada em 1954, trata-se de um apelo à linguística para explicitar o intrincado pensamento crítico de Heidegger. Está presente sua famosa trilogia: *Construir, Morar, Habitar*. Escreve Heidegger (CHOAY, 1979, p. 347):

---

<sup>7</sup> O trecho que Françoise Choay transcreveu para o seu livro *L'Urbanisme*, foi o *Notre Dame de Paris, de 1832*.



“[...] até onde se estende o ser da habitação. [...] queremos dizer que já não apreendemos a habitação como se fosse o ser (*Sein*) do homem; e menos ainda pensamos na habitação como traço fundamental da condição humana”. A crise do alojamento está na busca do ser humano entender o que se passa. O desenraizamento do homem, ou o rompimento com a tradição e o passado, está neste texto de Heidegger associado ao apelo pelo Habitar.

As ideias do poeta e dos três filósofos constituem distintos conjuntos de conceitos linguísticos, embora esteja presente o rompimento com o passado, seus discursos não constituem modelos ou modelo, mas o signo de desencanto da modernidade.

A dimensão arquitetônica das obras de arte é uma constante na leitura do texto escrito pelo arquiteto inglês Augustus Pugin, obra traduzida por Choay. Além do mais, os subtítulos concedidos por Choay são bem alusivos quanto ao significado: “ontem - comunidade cultural; hoje – processo do progressismo”. O que mostra claramente o dualismo saussuriano ontem/hoje e seus significados. O poeta e crítico de arte inglês John Ruskin, nos subtítulos escritos por essa filósofa, já expressa o significado de suas ideias, por exemplo: “a cidade, espetáculo mais atraente que a paisagem, contra a repetição, pela diversidade, as ruas medievais, o artesanato, cidade e comunidade” (CHOAY, 1979, pp. 122 a 125). Isto é, esses artefatos linguísticos fazem representar a cidade ruskiana. O que Choay designa como subtítulos da obra do arquiteto inglês William Morris são: “hoje – degeneração da arquitetura, a cidade medieval, a indústria; amanhã – as grandes cidades, limitadas, densas, expansão industrial, supressão da diferença entre a cidade e o campo”. Encontra-se o mesmo esquema dualista utilizado por Pugin só que agora refere-se a hoje/amanhã, procedendo ao jogo de significados presentes nos textos do escritor e romancista William Morris. Os três pensadores contêm o mesmo conjunto conceitual linguístico articulado, o que leva a pensar ser o caso de constituírem um só *modelo* dual - ontem/amanhã, figurado como signo da oposição.

Alguns dos autores da Antologia, a saber: os britânicos Robert Owen, Benjamin Ward Richardson, Herbert-George Wells e os franceses Charles Fourier, Victor Considérant, Etienne Cabet, Pierre-Joseph Prodhon, Jean-Baptiste Godin e Júlio Verne eram, em sua maioria, socialistas utópicos<sup>8</sup> do século XIX e formuladores de *modelos* nos quais constam relações sociais e a higiene como elementos constituintes. Essas ideias não se apresentam como um conjunto conceitual linguístico ou *modelo* com significado e signo únicos. Tais ideias funcionam como *modelos*. Como articulação entre as ideias destes pensadores, pode-se considerar Fourier e Considérant – por elaborarem o Falanstério como *modelo* semelhante. Nos demais, foram encontradas diferenças quanto aos elementos arquitetônicos e urbanísticos. Os nove autores cujos trechos de textos das obras foram escolhidos por Choay têm *modelos* diversos, mas possuem um só signo, o da utopia.

Choay traduziu trechos da obra *The Living City*, publicada em 1958, cujo autor é o arquiteto americano Frank Lloyd Wright. A cidade designada por Wright de *Broadacre*, presente nos trechos traduzidos e transcritos por Choay, é a cidade democrática, a cidade orgânica e a cidade da liberdade espacial. É, na existência do automóvel, “*padrão de medida a ser aplicado à concepção geral do espaço dentro do planejamento [...]*”, que se pode compreender a cidade wrightiana moderna (CHOAY, 1979, p. 243). Uma passagem polêmica consta do seguinte trecho: “*A centralização [...], é a força econômica que ‘superconstrói’ todas as nossas cidades e que degenerou em uma força chamada comunismo*”

---

<sup>8</sup> A palavra “utópicos” na frase acima, está referenciada em Thomas Morus, autor da obra *A Utopia* (2002), cujo narrador Rafael Hitlodeu, descreve o modo de vida na Ilha de Utopia, seu povo, sua geografia, suas instituições, sua organização política, etc. Um modo de vida perfeito, ideal próprio do humanismo de então.



(CHOAY, 1979, p. 238). Naquele momento, do entre guerras, ser avesso ao comunismo era comum entre os cidadãos americanos. A análise semiológica identifica a duplicidade de opostos: democracia/comunismo, cidade natural/cidade do automóvel, cidade moderna/cidade da liberdade espacial. Esses opostos indicam que a *Broadacre* é um *modelo, signo da utopia moderna*.

A Cidade Cósmica de Iannis Xenakis não tem sua obra citada por Choay ao final do texto, contudo, essa filósofa afirma que os trechos de textos apresentados são “páginas inéditas” (1979, p. 265). Em dois subtítulos constam “o mito da descentralização e do ortogonismo”, tomando-se o mito como figura de discurso dualista leva o Xenakis a propor outra forma de cidade: “[...] casca oca de parede dupla em rede [...] forma adotada um hiperbolóide de revolução, com uma altitude de 5.000 metros e largura média de 50 metros perfazendo uma cidade de 5.000.000 de habitantes”. Diante de tais palavras tem-se o modelo da cidade cósmica, como signo da utopia tecnológica.

O economista russo Stanislas Gustavovitch Strumilin, incentivado pela economia planejada, esboçou, como está dito no título conferido por Choay (1979, p. 198), UMA CIDADE COMUNISTA. A comuna-tipo – que associa trabalho e alojamento, não precisa de elevadores, a exemplo dos arranha-céus americanos -, e uma cidade-modelo experimental para o modo de vida comunista. O texto adota a formulação direta de frases enaltecidas do comunismo. Duas palavras se destacam: coletivização e individualistas, contendo a força dos opostos linguísticos segundo Lévi-Strauss (2008). Tais considerações permitem inferir que há um modelo - cidade coletiva, com o signo da utopia comunista.

O arquiteto austríaco Camillo Sitte condensou suas ideias na obra *Der Städtebau*, publicada pela primeira vez em 1889. É inspiradora a sua obstinação pelo “pitoresco” presente nos locais de vida pública, nas ruas e nas praças. Para tanto, ele propõe diretrizes de intervenções na busca por compatibilizar a produção arquitetural e urbanística moderna com as cidades antigas e seus planos de extensão. A análise do texto com os destaques feitos conduz a identificar o modelo da cidade pitoresca, com o signo lição da história.

Na tradução de parte do texto do socialista inglês Ebenezer Howard verifica-se a preocupação entre as estratégias de moradia e o contato com a natureza. Tais ideias Howard chamou de Cidade-Jardim Inglesa: forma circular, avenidas, parques, casas, instalações indústrias fora da cidade, agricultura suburbana, comerciantes limitados. O *modelo* Cidade-Jardim, uma ideia de bem viver, tem por significado: saudável, humana, social -, tanto que foi uma experiência replicada várias vezes.

O arquiteto inglês Raymond Unwin, associou-se com Barry Parker e construíram a cidade-jardim de Letchworth e o Hampstead Garden Suburb (CHOAY, 1979, p. 229). As concepções destes dois não se diferenciavam muito das de Howard, inclusive pelo fato de terem vivido a experiência de construir juntos essas duas cidades-jardins.

No contexto francês o advogado e jornalista Benoit-Lévy, propõe uma cidade-jardim francesa (1904). Choay, na breve nota histórica, escreve um discurso bastante contundente sobre sua proposta: “A cidade-jardim contribuiu para falsear na França a ideia da *garden-city* inglesa”. Algumas palavras merecem ser destacadas: falsear, concepção capitalista, por conterem significados: adulteração, fragilidade, criação redutora. Esse conjunto de significados formam um sistema de signos negativos segundo Barthes (2006, p.39). A versão francesa esteve sob a organização da Associação das Cidades-Jardins, mediadora entre operários e industriais, e talvez não tenha operado com a ênfase contida no dito falseamento.

A partir da análise dos textos dos três autores - Howard, Unwin e Benoit-Lévy – é possível constatar a



semelhança dos modelos Cidade-Jardim Inglesa e a Francesa, sob o signo bem viver em cidades.

O arquiteto francês Tony Garnier lançou a obra escrita *Une Cité industrielle. Étude pour la construction des villes*, em 1917, tendo sido a mesma escolhida por Choay para constar em *L'Urbanisme*. São palavras de Garnier: “Nossa cidade é uma fantasia sem realidade”, que metáfora singela para contornar um real complexo. Mas, essa fantasia era cultivada por muitos daqueles que eram receptivos à industrialização. O texto apresenta um detalhamento completo das disposições das ruas, da estação de ferro, além dos regulamentos das habitações e edificações. Para dar maior eloquência e significado ao discurso de Garnier-Choay (CHOAY, 1979, p. 170), a frase de fechamento adquire o viés de premonição moderna: “uma cidade onde todos são conscientes de que o trabalho é a lei humana”. A análise estrutural das palavras e dos conceitos de Garnier indicam o modelo da cidade estandardizada, signo do trabalho.

Na mesma linha da temática da estandardização, Walter Gropius apresenta um texto claramente em prol da indústria, da uniformização, da estandardização e da plasticidade, e considera como ponto de partida a Arquitetura Internacional, sem especificidades, possível de ser efetivada em todos os lugares. Da arquitetura tem-se a cidade estandardizada – unificação, repetição, verticalização associada à horizontalização. As palavras com significados presentes no conjunto conceitual linguístico de Gropius-Choay (1979, pp. 175 a 181), formam o discurso da cidade estandardizada, signo de poder.

A leitura da “breve nota histórica” escrita por Choay (1979, p. 183) permite ficar sabendo que essa filósofa demonstra uma admiração incontestável a Le Corbusier e à sua cidade modelo, por conter “os princípios fundamentais do urbanismo moderno” (CHOAY, 1979, p. 192): terreno ideal - plano, a população dividida em três lugares - urbanos, suburbanos e mistos -, densidades altas, superfícies verdes, três tipos de ruas – subsolos, nível térreo, elevadas sem cruzamentos -, habitação tipo. E mais, como diz Le Corbusier-Choay (1979, p. 186): “A máquina cria a máquina”, “uma casa é uma máquina de morar”. Analogias, metáforas, conotações, discurso do modelo da máquina de morar. Verificou-se ainda um enunciado de função mítica, ao conferir Choay a Le Corbusier o título: “O URBANISTA REI”. A figura discursiva de um REI, significa ter poderes, dominar, ser nobre, etc. Tornando-o um mito. Segundo Lévi-Strauss (2008, p. 224): “o mito faz parte da língua, é pela palavra que o conhecemos, de pertencer ao discurso. [...] o mito está ao mesmo tempo na linguagem e além dela [...]”. Está no signo como mito que gerações de arquitetos e urbanistas herdaram.

Garnier, Gropius e Le Corbusier podem ser assim sintetizados: os dois primeiros defendem o modelo de cidade estandardizada, distinguindo-se quanto ao signo: do trabalho e de poder. Já Le Corbusier foi identificado pelo modelo de máquina de morar com signo do mito urbanista. Contudo, pelas semelhanças, analogias e enunciados pode-se articulá-los em um modelo – o da cidade máquina com o signo de poder.

Quanto às questões do tráfego e da circulação, especialmente, nas grandes cidades, destacam-se as obras de Eugène Hénard e o Relatório Buchanan.<sup>9</sup> Apesar de mais de cinquenta anos de distância, eles apresentam aspectos e soluções muito semelhantes: o tráfego racionalizado, a utilização do subsolo, a rua de vários andares, as zonas circundantes, a perspectiva centrífuga. As analogias e semelhanças permitem verificar um modelo do tráfego racionalizado, como signo do deslocamento.

---

<sup>9</sup> O *Rapport sur l'avenir des grands villes*, foi publicado em 1910; enquanto, o Buchanan, *Traffic in Towns a Study of the Long Term Problems of Traffic in Urban Areas*, só foi dado a conhecer em 1963.



Considerando o homem como personagem central das cidades, Choay analisou trechos das obras de Patrick Geddes, Lewis Mumford e Poëte. Choay traduziu e transcreveu trechos de duas obras de Geddes: *A Evolução Criadora das Cidades* e *A Ciência das Cidades*. Um ponto importante colocado por esse biólogo escocês é o debate sobre a Utopia, não a de Thomas Morus, mas a decorrente do entendimento de Eutopia. São palavras de Geddes (1994, p. 70 e 71): “Utopia, isto é, um Lugar Inexistente” – “Utopias indispensáveis ao pensamento social. A fuga da ordem Paleotécnica para a Neotécnica é a fuga da Kakotopia para a Eutopia [...], esta última significa ganhos econômicos, sociais e ambientais, na direção da permanência da vida social e cívica, relativa à ordem da Neotécnica. Desse modo, não há utopias, mas duas fases da era industrial. O dualismo lugar/não lugar, Paleotécnica/Neotécnica, Kakotopia/Eutopia é um fundamento da filosofia estruturalista, particularmente, a antropologia estrutural de Lévi-Strauss, como já visto antes.<sup>10</sup>

Nos trechos traduzidos e transcritos por Choay (1979), Lewis Mumford apresenta a diferenciação de dois conceitos, atualmente muito em voga: Paisagem Natural e Paisagem Urbana. O subtítulo recorta o amplo foco temático: Função biológica e social dos espaços livres. A proposta relatada por Mumford-Choay é a da “Matriz Verde” ou da “prática da função social dos espaços livres”.

Os trechos transcritos por Choay de Marcel Poëte constam de sua obra *Introduction à l’Urbanisme*, de 1929. Para iniciar os trechos há um enunciado: Um Ponto de vista Organicista, cuja noção central a ser problematizada é o organicismo, inspirado em Herbert Spence,<sup>11</sup> trata-se da comparação da sociedade a um organismo, às instituições sociais, aos órgãos específicos e às leis e regras, à organização que rege seu funcionamento. O título Método Geral do urbanismo como “ciência e arte” reporta-se estar fundamentado em dados respectivos às diversas disciplinas; associado ao “traçador de planos”. Foi estabelecida a necessidade de especular sobre o passado de maneira a atingir a fisionomia do presente da cidade, assegurando, assim, a sua continuidade espiritual.

Geddes, Mumford e Poëte, possuem semelhanças, analogias, enunciados que exploram o urbanismo enquanto ciência e arte. A concatenação entre a ciência biológica e o urbanismo coloca o homem como personagem central das propostas. Essas considerações permitem caracterizar um modelo ambiental, como signo da continuidade espiritual.

Ainda trabalhando o homem como figura central e as experiências sensoriais e a cidade, Choay apresentou trechos de obras da crítica em arquitetura e urbanismo nova iorque Jane Jacobs, do psiquiatra e ativista social americano Leonard Duhl e do arquiteto americano Kevin Lynch.

Jacobs escreveu *Morte e Vida de Grandes Cidades* (1961), tendo sido recepcionada rapidamente por um grande público. A cidade observada e vivida por Jacobs é a cidade americana e para o público americano. Ela examinou as principais questões urbanas, observando como os habitantes das grandes cidades viviam. Ao final de suas deambulações sobre o que afligia o habitante das grandes cidades americanas e o dos subúrbios, ela bradou pela DEFESA DA GRANDE CIDADE ou Apologia da rua, segundo intitulou Choay (1979, p. 293). O texto apresenta-se como um sistema de signos, portador de

---

<sup>10</sup> As ordens Paleotécnica e a Neotécnica significam: “a primeira, volta-se para a dissipação de energias, visando ganhos monetários individuais; a outra, para a conservação de energias e organização do meio-ambiente, visando a permanência e evolução da vida, social e individual, cívica e eugênica” (Geddes, 1994, p. 70 e 71).

<sup>11</sup> Hebert Spencer, filósofo e sociólogo inglês (1820-1903), aplicou os conceitos das ciências naturais às teorias sociais. A obra tomada como referência foi *Principles of Sociology*, de 1861, uma de suas principais contribuições ao evolucionismo.



uma semântica crítica e de oposição ao senso comum. Evidenciam-se significados mistos ora positivos ora negativos, contudo sempre enaltecendo a rua e a grande cidade.

Já Leonard Duhl apresenta uma abordagem ecológica. A obra traduzida e com trechos transcritos por Choay foi *The Human Measure: Man and Family in Megalopolis*. O título principal: O Ponto de Vista de Um Psiquiatra está expresso em algumas frases: “os indivíduos cujas concepções religiosas, valores, distrações e estruturas familiares são os mesmos geram em todos eles um sentimento de segurança” (CHOAY, 1979, p. 304). Segundo Duhl-Choay (1979, p. 305), indivíduos que moram em favelas, quando adquirem condições econômicas favoráveis à mudança a outro local, “revelam-se normalmente incapazes de adaptar-se a um novo meio”. Enunciados de fortes significados são os que Duhl-Choay (1979, p. 306) concedem aos conjuntos habitacionais, tais como: “latas de sardinhas esterilizadas”, “mundo ameaçador e distante”, “trauma enorme”. Tais significados dão conta de significantes do real em conflito com o signo do mundo sensível, consciente e inconsciente próprio a cada indivíduo. Assim, o “urbanismo satisfatório para todos”, proposto por Duhl-Choay, é uma metáfora para expressar o modelo da psiquiatria ecológica. Como Duhl bem mostrou, não existe o social e psiquicamente “todos”, mas pobres e ricos.

Considerando, ainda, a experiência do sujeito na interpretação da cidade, Choay traduziu uma parte da obra de Kevin Lynch<sup>12</sup> intitulada *The Image of the City*, publicada em 1960, cujo trecho constante de *L'Urbanisme*, recebeu o nome de Estrutura da Percepção Urbana. As Aplicações ao Urbanismo, propostas por Lynch (1979, p. 316) estão suportadas na teoria dos signos e na teoria da percepção da cidade e os pontos de referência reforçam as afinidades estabelecidas (Choay, 1979, p. 315-316). Tais trechos conotam a constituição de um sistema de signos, conforme os movimentos de adaptações, limitações, implicações e exclusões, cuja figura discursiva é respectiva ao modelo da percepção imagética do lugar.

Os três autores são de difícil articulação, mas a partir de uma melhor apropriação dos movimentos linguísticos foram verificadas conotações e analogias, que os incorporam ao modelo Antropópolis, tal como proposto por Choay (1979, p. 38), como signo da sensibilidade.

## 2.2. O Urbanismo em Questão

Esse texto, escrito por Choay para iniciar o livro, é bastante instigante, estando explicitados os pressupostos, fundamentos, estratégia de exposição e interpretação. É oportuno deixar claro que na Antologia nenhum dos autores teve sua obra transcrita no todo, mas apenas trechos. Está dito por Choay (1979, p. 2): “Nossa análise e nossa crítica têm, pois, por objeto, as ideias que fornecem suas bases ao urbanismo”. Deste modo, ela pretendeu contribuir para os debates em curso sobre a constituição do deste campo.

Foi adotado como direção teórica que a palavra *modelo* pertence ao campo da linguística ou antropologia estrutural conforme Lévi-Strauss (2008, p. 302). O *modelo* pode ser entendido como uma figura discursiva, como signo. Não há um método estabelecido, nem normas, nem classes. Pode-se sim na interpretação proceder a articulações discursivas e de significado. Desse modo a nomenclatura de *modelos* permite entender melhor as diferentes nuances existentes no campo da arquitetura e

---

<sup>12</sup> Autor que muito se aproxima da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, trata-se do arquiteto americano Kevin Lynch. As suas contribuições com a teoria da percepção de cidade, datam dos anos de 1960. Essa aproximação foi possível devido os anos em que Strauss passou exilado em Nova York.



urbanismo.

Observe-se que Choay (1979, p. 6 e 7), por meio dos autores é que elabora à crítica da cidade industrial. Para se fazer compreender melhor ela sintetiza em uma frase: “[...] o desaparecimento de uma ordem urbana determinada implica o surgimento de uma outra ordem”. Ao considerar dois modelos em uma frase ela explicita o sentido de sua opção teórica: “O que é expressão de desordem chama sua antítese, a ordem”. Com isto Choay está tomando de empréstimo à semiologia a forma dicotômica, de oposição, da estrutura linguística, conforme explicita Barthes (2006, p. 41).

Entretanto, ao redefinir como *modelo* “tipos de projeções espaciais, de imagens da cidade futura”, Choay (1979, p. 7) logo precisa: “Qualquer ressonância estruturalista deverá ser afastada do emprego dessa palavra [...]”, tal enunciado a impede de ser cobrada por ausências que não seria prudente a emergência. Como já foi dito, da leitura dos excertos de textos dos autores na Antologia, foi possível verificar que não são nove *modelos*, mas esse número pode variar conforme os autores, às questões e o suporte teórico considerados.

Essas palavras ou signos linguísticos se tornam mais evidentes na escrita presente nas conclusões de O Urbanismo em Questão (CHOAY, 1979, pp. 49 e 50): “[...] a própria ideia de um urbanismo científico é um dos mitos da sociedade industrial”. O que de certo modo põe em questão o esforço de afirmá-lo científico. Mais adiante, Choay coloca: “Também no início da era industrial, essas motivações foram objetivadas em *modelos* ou tipos ideais de aglomeração urbana” – introduzindo uma importante palavra ‘ideais’, que modifica o significado de *modelo* para: “caráter simultaneamente racional e utópico [...] revelaram-se poderosos instrumentos de ação”. Além disso, a partir da crítica de Choay por meio da escrita dos autores ao urbanismo surge a substituição do *modelo* racional e utópico pela “quantidade de informação” ou “investigação prévia”.

Promovendo um interstício nessas considerações, Choay (1979, p. 52, nota 137) enuncia, apropriando-se da semiologia: “A cidade não é apenas um objeto [...]; é também um quadro de relações interconscienciais, o lugar de uma atividade que consome sistemas de signos [...] ela [cidade] ainda não soube ligá-los de maneira bastante explícita, num sistema semiológico global[...]”. Choay ao concluir O Urbanismo em Questão, explicita: “O Urbanista deve deixar de conceber a aglomeração urbana exclusivamente em termos de *modelos* [...]. É preciso parar de repetir fórmulas fixas [...], para definir sistemas de relações, criar estruturas flexíveis, uma pré-sintaxe aberta a significados ainda não constituídos” (CHOAY, 1979, p. 54 e 55).

A leitura de Choay dos autores - cujos excertos de suas obras foram selecionados por essa filósofa; além disso, a definição de títulos e subtítulos -, e considerando o suporte teórico adotado, pode-se afirmar que não são mais nove modelos. Cada pensador da cidade selecionado por Choay pode ter elaborado um modelo ou não - outras semelhanças foram constituídas, outras nomenclaturas também sofreram alterações e os signos como figura discursiva ou recurso metodológico, por estarem relacionados aos modelos, semanticamente emergiram.

*L’Urbanisme* de Choay tem sido elogiado sem restrições por muitos leitores franceses e brasileiros, a exemplo de Paquot (2019) - “remarquable” -, Pane (2020, p. 53) – “riferimento imprescindibile”, – Peixoto (2021, p.7) – “um papel singular”, Silva Pereira (2014, p. 10) “introduziu a antropologia no campo da arquitetura e urbanismo”. Para alguns leitores não haveria o que questionar diante de tal consenso, porém não há tema esgotado e, sim, a possibilidade de construir outros olhares e resultados



às práticas da escrita de Françoise Choay. Não há uma discordância aos elogios proferidos por estes autores, porém cabe considerar que o *L'Urbanisme* foi escrito em 1965, e suas contribuições reconhecidas, mas é de se convir que o campo da arquitetura e do urbanismo tem passado por substantivas modificações, por demandas procedentes de um mundo globalizado tecnologicamente, mas permanecendo com brutais desigualdades socioeconômicas, o que vem a justificar outras leituras.

### 3. A regra e o modelo

Em *A regra e o modelo*, Françoise Choay,<sup>13</sup> ao analisar o que chamou de “textos instauradores”, particularmente as obras: *De re aedificatoria*, de Leon Battista Alberti, e *Utopia*, de Thomas Morus, adotou como figuras discursivas os termos “regra” e “modelo”. Com o interesse em explorar os sentidos atribuídos à palavra *modelo* e os contextos de seu emprego, procuramos interpretar como Françoise Choay maneja a palavra *modelo* e com que referências dialoga para a construção de seus argumentos.

Algumas questões dirigiram as reflexões: Por que Françoise Choay adotou a palavra *modelo* como figura discursiva do texto *Utopia* de Thomas Morus? Com quem dialoga para a caracterização da figura discursiva *modelo*? De que modo sua caracterização se articula com as noções trabalhadas por Roland Barthes e Claude Lévi-Strauss? Em que medida a noção de *modelo* apresentada em *A regra e o modelo* se distancia e/ou se aproxima da noção trabalhada em *L'Urbanisme*?

Françoise Choay lança mão da noção de “formação discursiva” e de “arqueologia” (FOUCAULT, 1987), defendendo que, a partir da compreensão e caracterização das figuras discursivas e de seus valores semânticos, “o tratado de arquitetura e a utopia remontam a uma arqueologia da teoria da edificação” (CHOAY, 1985. p. 13).<sup>14</sup>

#### 3.1. Os textos instauradores e o modelo

Já no início do livro, Françoise Choay afirma que *A regra e o modelo* possui sua origem em “um espanto refletido” (CHOAY, 1985. p. 2) e que “não se refere ao mundo concreto do urbano”, mas à cidade “como coisa escrita” (CHOAY, 1985. p. 1). É com o intuito de aprofundar a discussão, que Choay caracteriza *Utopia* e *De re aedificatoria* como textos instauradores, “que têm por objetivo explícito a constituição de um aparelho conceptual autônomo que permita conceber e realizar espaços novos e não-aproveitados” (CHOAY, 1985. p. 06). Ao longo de *A regra e o modelo*, Choay interpreta os dois textos, caracterizando a “aplicação dos princípios e das regras” nos tratados de arquitetura, e a “reprodução de modelos” na utopia (CHOAY, 1985. p. 08).

No caso específico de *Utopia* enquanto gênero literário, Choay considera-a como “um texto inteiramente instaurador” e “parte integrante das teorias de urbanismo que ela antecede” e destaca dois elementos de semelhança aos escritos do urbanismo: “a abordagem crítica de uma realidade

---

<sup>13</sup> Françoise Choay defendeu sua tese doutorado em filosofia, *La cité du désir et la ville modele*, em 1978, sob a orientação de André Chastel. A partir da revisão, a tese foi publicada com o título *La Règle et la modele – Sur la théorie de l'architecture et l'urbanisme*, Paris, Éditions du Seuil, 1980. Traduzida para português como: *A Regra e o Modelo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980, e, em 1996, foi produzida outra edição revisada e corrigida.

<sup>14</sup> Cabe situar que os anos de 1970-1980 operam mudanças, o contexto já não é o dos anos de 1960, são outras turbulências, talvez pouco otimistas. Destacam-se os dois choques do petróleo (1973 e 1979), com a disseminação de uma alta dos preços e saída de uma situação de pleno emprego. No campo intelectual emerge uma forte crítica às teorias linguísticas da semiologia e da análise estrutural. Passam a existir maiores preocupações com a operacionalidade da organização das cidades e dos territórios.



presente e a modelização espacial de uma realidade futura” (CHOAY, 1985. p. 7). A autora refuta a adoção polivalente e indiscriminada do termo utopia (CHOAY, 1985. p. 35-36), e, para caracterizar a definição da palavra, usa com frequência as terminologias “sociedade-modelo” e “espaço-modelo”.

É possível verificar, também, a constante referência a Leon Battista Alberti e ao *De re aedificatoria* nas interpretações do segundo texto instaurador. O estabelecimento de paralelos evidencia, em algumas passagens, a escolha de Alberti e da “regra” como um *modelo* para a leitura da *Utopia* de Thomas Morus.<sup>15</sup> Choay explicita, contudo, suas intenções na interpretação e análise da obra para além dos autores que a precederam nesta árdua tarefa, como é possível identificar no trecho a seguir (CHOAY, 1985. p. 152): “escolhi ler a Utopia na medida em que propõe um modelo de organização do espaço suscetível de ser realizado e em que possui capacidade de transformar o mundo natural, instaurando espaços nulos: escolha paradoxal, redutora, decerto, mas legítima na medida mesma em que é transmitida pelo texto”. Como estratégia adotada, Choay defende que renuncia às outras leituras e que opta “por recolher, em todas as suas letras, o que Morus afirmava sobre o espaço utópico”.

Perseguindo a caracterização do “espaço utópico”, a autora estabelece um paralelo entre as obras *Utopia*, de Thomas Morus, e *Leis*, de Platão. Os dois autores adotam o *modelo* com sentidos diversificados. De acordo com a interpretação de Françoise Choay, em *Utopia* o espaço ou espaço-modelo tem maior protagonismo, pontuando de forma crítica a ausência da dimensão política no texto de Morus (CHOAY, 1985, pp. 157-158), já no texto de Platão, o espaço é consequência dos “debates relativos às instituições e da elaboração das leis que regularão seu funcionamento” (CHOAY, 1985. p.183). Ainda segundo a leitura de Choay (1985. p.184), “o modelo espacial de Platão serve para fazer encontrar uma ordem perdida. O de Morus, ao contrário, serve para promover uma ordem nova, imaginada e criada pelo herói humano, Utopo”.

O espaço-utópico de Morus é concebido, de acordo com a interpretação de Choay, como “remédio” e, não, “veneno” (CHOAY, 1985. p.185). A relação entre o espaço e a escrita é explorada na confrontação entre os enunciados de *Leis* e de *Utopia*. Na primeira obra, para Choay, a relação entre a memória e a utopia atua na construção da “cidade ideal”, em seu esquema espacial e na lei escrita. Contudo, retoma a caracterização de “espaços-nulos” como sinônimo de *modelo*, na interpretação da obra de Platão, defendendo que “o modelo, como a lei escrita, não pode desempenhar senão um papel mecânico” (CHOAY, 1985. p.184).

Assim como verificado no texto da Antologia em *L’Urbanisme*, a adoção de pares antagônicos é um recurso textual utilizado de forma recorrente por Choay, como é possível verificar nas citações anteriores: espaço/espaço nulo ou não-ser do espaço. Esse recurso discursivo denuncia, também na forma de construção do argumento, as referências com as quais a autora dialoga.

No início do livro já é possível identificar a intenção manifesta de interpretação dos textos instauradores “por figuras ou configurações textuais invariáveis, dependentes de um estatuto original que seus autores não assumiram, nem seus leitores decifram” (CHOAY, 1985. p. 8). Choay defende, ainda, que os textos são analisados em um esforço de abstração dos contextos que os produziram e apoia-se na semiótica para a realização de tal interpretação (CHOAY, 1985, p. 09). A autora afirma ter

---

<sup>15</sup> Passagens como: “A obra é muito mais curta, mais familiar e não-especialista.” ou, ainda, “Nesse aspecto, a *Utopia* continua sendo um texto oblíquo e não-realizador, que somente uma falsa simetria pode contrapor ao *De re aedificatoria*.” (CHOAY, 1985. p. 151 e 185).



realizado uma *découpage* semiótica<sup>16</sup>, procurando “desmontar o funcionamento dos tratados, das utopias e dos escritos urbanísticos, definindo o jogo das unidades semânticas fixas e limitadas que servem respectivamente para produzir suas regras generativas e seus modelos” (CHOAY, 1985. p.10). Assim, as figuras caracterizadas por Choay como *regra* e *modelo* são as lentes adotadas para a decodificação dos textos instauradores.

A aproximação com a semiologia fornece dados sobre a interpretação de Choay (1970 e 1972), a linguagem, portanto, é entendida “não só a título de modelo, mas também a título de componentes, de mediação ou de significado” (BARTHES, 2006. p. 12). Como afirma Roland Barthes (2006. p.12), “Essa linguagem, entretanto, não é exatamente dos linguistas: é uma segunda linguagem, cujas unidades não são mais os monemas ou os fonemas, mas fragmentos mais extensos do discurso; estes remetem a objetos ou episódios que significam *sob* a linguagem, mas nunca sem ela”. A linguagem pode ser entendida como um “sistema de valores” (BARTHES, 2006. p.17-18) e, a partir das “unidades significantes do discurso”, consegue-se aproximar das leituras que Choay apresenta para caracterizar a palavra *modelo*. *Modelo* pode, nesses termos, ser compreendido enquanto *signo*, ou seja, produto de um processo de significação, “ato que une o significante e o significado” (BARTHES, 2006. p.51).

Entretanto, como bem aponta Roland Barthes (2006. p. 50), “[...] o significante é um mediador: a matéria é-lhe necessária; mas, de um lado, não lhe é suficiente e, de outro lado, em Semiologia, o significado também pode ser substituído por certa matéria: a das palavras”. Reside na matéria das palavras, portanto, o interesse de Françoise Choay pelos textos instauradores. Os “sistemas de significantes”, o que Barthes associa aos “léxicos”, podem ser associados a diferentes “leitores”, o que significa dizer que uma unidade de leitura, ou lexia, “possa ser diferentemente decifrada segundo os indivíduos, sem deixar de pertencer a certa ‘língua’; vários léxicos – e, portanto, vários corpos de significados – podem coexistir num mesmo indivíduo, determinando, em cada um, leituras mais ou menos ‘profundas’” (BARTHES, 2006. p. 50).

Na metáfora adotada por Ferdinand de Saussure, o significado e significante podem ser compreendidos como dois “lençóis” de materialidade distinta, ar e água, que, quando submetidos a determinadas condições atmosféricas geram ondas, divididas em articulações. Para Roland Barthes, “a língua é o domínio das *articulações* e o sentido é o recorte, antes de tudo” (BARTHES, 2006. p. 58-59). Segundo Michel Foucault (1987. p.25), os recortes “são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos do discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros [...]”. Os recortes e as articulações trabalhados por Françoise Choay para a compreensão de *Utopia* podem ser interpretados à luz dessas contribuições.

De acordo com a interpretação de Choay, Thomas Morus confunde-se, na narrativa de Utopia, com Raphael, personagem do livro. Choay adota a terminologia “modelo espacial” para corporificar a crítica às formas de organização social e espacial daquele momento, quando Morus apresenta Amaurota. A descrição da cidade é interpretada por Choay como um “espelho”, no qual estão superpostas imagens da Inglaterra e de Amaurota, fundindo crítica e projeção. Segundo a autora (CHOAY, 1985. p. 169), o modelo e o retrato de Utopia remetem à Inglaterra, estabelecendo um elo entre a crítica e a idealização.

---

<sup>16</sup> Há menção à adoção da análise de conteúdo, “em casos excepcionais” e à filiação à história das ideias e das mentalidades, sem a indicação precisa do instrumental adotado.



A correspondência entre a Inglaterra e a Ilha de Utopia, e Londres e Amaurota é explorada por Françoise Choay para configurar como a crítica e a construção de um modelo espacial estão imbricados na narrativa de Thomas Morus (CHOAY, 1985. p. 155). O “retrato de Utopia e de Amaurota” associa-se, portanto, ao “corpo materno da Inglaterra” (CHOAY, 1985. p. 170). Segundo a análise apresentada por Choay, tal artifício pode ser justificado pelo interesse na fusão entre a “imagem-modelo” e a “imagem-retrato”; o “retrato de Amaurota” teria a finalidade de “atestar a realidade de sua existência real” (CHOAY, 1985. p. 169). No entanto, a partir da superposição das duas imagens, modelo e retrato, os elementos apresentados para o quadro construído de Utopia são “universalmente reproduzíveis e desligados de qualquer dependência com relação à sua geografia física e à sua história” (CHOAY, 1985. p. 169). Entendendo o significado como uma “representação psíquica” (BARTHES, 2006. p. 46), o grau de realidade conferido a Amaurota parece uma tentativa de materialização do ideal, do modelo-espacial defendido por Morus. Deste modo, o modelo-espacial pode ser entendido não mais como uma figura discursiva, porém como uma estratégia de materialização de ideal.

### 3.2. Mito e modelo

Segundo Choay, para Raphael “a Utopia está, pois, no espaço que, em termos kantianos, constitui o ‘esquema’ e a condição de sua experiência. Mas tem também um espaço cujas determinações lhe conferem e revelam sua particularidade” (CHOAY, 1985. p. 153). Choay interpreta a Utopia, então, a partir de duas imagens superpostas: a de um lugar e a de um protótipo. À primeira imagem, a autora associa a terminologia retrato, remetendo à Renascença e associando-a a uma “individualidade única”. Para a segunda imagem, adota a palavra *modelo*, “porque retém de Utopia apenas traços espaciais mal localizados e reproduzíveis, depende, ao contrário, exclusivamente da ordem humana e de um estrito sistema de normas culturais. Essas duas imagens permanecem distintas, do começo ao fim do relato que Raphael conduz com método, descendo da escala do território à da cidade e da casa” (CHOAY, 1985. p. 153).

A associação da palavra *modelo* às palavras *esquema* e *protótipo* parece fornecer algumas pistas quanto às possibilidades interpretativas da terminologia adotada por Choay. Ao analisar Amaurota, cidade descrita por Raphael, e seu duplo sistema de instituições políticas, a autora argumenta que reside nessa duplicidade o motivo pelo qual a “cidade não pode ser considerada um protótipo” (CHOAY, 1985. p. 158). Explora, portanto, as limitações do que considera *modelo*, tomadas sempre em referência à caracterização que faz do termo *regra*, defendendo que “enquanto a regra albertiana é uma operação que, idêntica a si mesma no curso do tempo, engendra, ao sabor das circunstâncias e dos desejos, espaços indefinidamente diferentes, o modelo de Morus, espaço-modelo e modelo de espaço, está condenado para sempre à duplicação” (CHOAY, 1985. p. 161). O modelo ou espaço-modelo é entendido, então, como limitado à sua reprodução, sem possibilidades de adaptação a diferentes contextos, como argumenta Choay (1985. p. 163): “Assim, sob a película do trabalho utopiano, o espaço-objeto-humano permanece imudado, fixo e fixado”. Como o espaço-modelo utopiano deriva do “universo plano do desenho geométrico”, possibilitando sua transposição para qualquer localidade, todo e qualquer espaço pode ser interpretado enquanto “casa” (CHOAY, 1985. p. 161).

É nesse sentido que, paradoxalmente, em Utopia o espaço-modelo reproduz “a certos respeito, um antiespaço, próprio para impedir o desenvolvimento de uma espacialização que, aos olhos de Utopo, é



a consequência direta de comportamentos mentais e práticas sociais condenáveis” (CHOAY, 1985. p. 164). A relação complexa entre a “crítica modelizadora”<sup>17</sup> e o espaço idealizado pelo “herói humano” Utopo parece resultar na negação do espaço, uma vez que este não apresenta elementos identitários. Tal ambiguidade pode ser verificada na construção textual adotada por Thomas Morus, que foi interpretada por Choay a partir da relação “mito” e “modelo”.

De acordo com Claude Lévi-Strauss, “Se o objetivo do mito é, de fato, fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável quando a contradição é real), um número teoricamente infinito de camadas será gerado, cada uma delas ligeiramente diferente da que a precede” (LÉVI-STRAUSS, 2017. p. 248). Choay articula o “modelo espacial”, a partir da ideia de mito desenvolvida por Lévi-Strauss, que consiste em uma “‘estrutura folheada’, e envolta numa ficção” (CHOAY, 1985. p. 170-171). Essas múltiplas camadas parecem estabelecer a transição entre crítica e idealização, entre realidade e ficção, entre caos e utopia. O modelo-mito pode, desse modo, ser interpretado como um artifício ou instrumento discursivo adotado por Thomas Morus.

Claude Lévi-Strauss utiliza a imagem de um espiral para ilustrar o processo de desenvolvimento de um mito; o crescimento do espiral se dá de forma contínua na direção do “impulso intelectual que lhe deu origem” (LÉVI-STRAUSS, 2017. p. 248). E apresenta uma outra imagem, que caracteriza como “arriscada”: “o mito é um ser verbal que, no campo da fala, ocupa um lugar comparável ao que cabe ao cristal no mundo da matéria física” (LÉVI-STRAUSS, 2017. p. 248). O cristal é um objeto sólido cuja disposição de seus elementos se dá por meio de um esquema repetitivo e padronizado; a metáfora adotada por Lévi-Strauss pode estar entrelaçada à ideia de modelo e, também, à concepção de perfeição e solidez.

Do ponto de vista discursivo, Choay ressalta, com certa frequência, a implicação de Thomas Morus nas narrativas de Utopo e de Raphael. O herói mítico, segundo Choay, pode ser entendido enquanto “instrumento operatório simbólico” (CHOAY, 1985. p. 178). A posição de Morus oscila, então, entre a realidade e o imaginário, entre seu papel como autor e suas representações por meio das personagens e de suas experiências sensíveis. Para elucidar o entrelaçamento entre as diferentes vozes presentes em *Utopia*, Choay classifica o texto em dois discursos: *ficção de perspectiva* (R<sup>1</sup>) e *ficção de motivo* (R<sup>2</sup>). No R<sup>1</sup>, os limites entre o real e o imaginário são tênues e podem ser justificados pela constante alternância do uso na primeira pessoa entre as personagens, sobretudo Raphael, e Thomas Morus. Já na *ficção do motivo*, há a definição de uma justificativa geral, o “propósito” do livro: “relatar o testemunho de Raphael sobre a *Utopia*” (CHOAY, 1985. p. 174). A descrição de Utopia é feita no presente e Françoise Choay classificou o que chamou de R<sup>2</sup> em duas histórias com diferentes tipologias: R<sup>1</sup>, que se caracteriza pelo discurso de Raphael, e R, uma história na terceira pessoa, que consiste na história do herói Utopo e dos utopianos.

O herói Utopo foi, segundo Choay, qualificado como promotor de termos contraditórios: guerra/paz; tempo heterogêneo/tempo homogêneo; criação/repetição. De acordo com Choay (1985, p. 176), Utopo atua como o mediador entre os dois quadros e suas intervenções “por meio de seu modelo, confere assim à lenda dos utopianos (R) características que Lévi-Strauss considera próprias do mito.”

A figura do mito pode ser entendida, então, como elo de transição entre contradições e tempos verbais. Utopo ocupa a posição mítica na obra, contudo, Choay aponta que Raphael, simbolicamente, também

---

<sup>17</sup> Ver em Choay (1985, p. 165): “A expressão ‘crítica modelizadora’ fala da relação que liga, termo a termo, a sociedade real criticada pelo autor e a sociedade imaginária ideal que apresenta a seus leitores.”



opera a transposição e a conexão entre Utopo e Morus, entre ficção e realidade, entre crítica e projeção. A autora deixa clara, todavia, a impossibilidade de considerar a história de Raphael, ou R', como um mito, uma vez que se enuncia no presente e na primeira pessoa. Ela a caracteriza, então, como uma “paródia do mito”, ancorada na “estrutura folheada do relé das palavras que levam de Morus (em R') a Utopo, quanto pela ambivalência imprudentemente concedida a um presente que leva ao mesmo tempo ao real e ao imaginário” (CHOAY, 1985. p. 177).

Aos dois heróis, Raphael e Utopo, Choay articula as “descobertas espaciais do Renascimento” e destaca a perspectiva, baseando-se nos argumentos de Erwin Panofsky<sup>18</sup>, como um “operador mítico”, por sua capacidade de mediar e resolver “*iconicamente* antinomias”. Por isso, defende que “O espaço-modelo da Utopia é contaminado pelo herói fundador. É homogêneo e isotrópico, dotado de eficácia mundana. Mas, ao mesmo tempo, participa de um sistema de valores, é colocado pelo herói como verdadeiro e bom, determinações que não têm sentido para o espaço dos geômetras” (CHOAY, 1985. p. 178). Thomas Morus, segundo Choay, transita entre suas personagens “sem aceitar estar implicado” na obra, fundindo realidade e imaginação. O que leva a autora a qualificar Utopia como “a integração de um núcleo mítico numa forma textual fantasmagórica que, por sua vez, procede segundo esquemas buscados no mito, mas à maneira da paródia e da derrisão. (...) a Utopia é uma forma de texto original, intermediária entre o mito (anônimo, impessoal e simbólico) e a simulação (assinada, assumida por um sujeito e imaginária)” (CHOAY, 1985. p. 178).

A figura do espelho adotada por Choay é bastante elucidativa dessa intermediação entre mito e simulação. A projeção de um mito para a caracterização de um modelo mostra-se como instrumento para a realização da utopia. Segundo as análises realizadas pela autora, o núcleo mítico da Utopia possibilita a realização de um “estágio de utopia” ou “estágio do espelho social” (CHOAY, 1985. p. 190). Nesse contexto, o espaço assume protagonismo na materialização das ideias, na passagem de ficção à realidade. A ausência do aprofundamento das dimensões políticas em Utopia, destacada em várias passagens do texto por Françoise Choay, não corresponde à atenção dada por Morus à dimensão espacial. Por isso, de acordo com Choay (1985. p. 190), “O herói Utopo é necessariamente um arquiteto. A utopia anuncia e enuncia uma nova eficiência do espaço construído cujos poderes ela permite, de novo, como no caso da liberdade, desenvolver e suprimir”.

A dicotomia experimentada no discurso de Morus, e reproduzida nas análises de Choay, a partir de “uma figura de texto paradoxal – um mito na primeira pessoa”, segundo a autora, permaneceu como uma referência para a cultura ocidental; o que pode denunciar “ao mesmo tempo a vitalidade de certas proibições e a nossa incapacidade de nos libertar dos processos míticos” (CHOAY, 1985. p. 190). A própria Françoise Choay parece também recorrer a figuras mitizantes para caracterizar o que chamou de “textos instauradores”.

#### **4. As interpretações do modelo**

É interessante pontuar que a filósofa Françoise Choay promove alterações de significado da palavra modelo nas obras *L'Urbanisme* e *A regra e o modelo*. Deve-se considerar que os contextos político e intelectual eram diversos. Do pós-II Guerra Mundial aos dois choques do petróleo, da reconstrução de

---

<sup>18</sup> Erwin Panofsky, crítico e historiador da arte alemão (1892-1968), esteve à frente de estudos que problematizaram as distinções entre iconografia e iconologia, debate presente em sua obra *Estudos em Iconologia* (1939).



idades ao ordenamento territorial e urbano. De um livro delimitador das vertentes de pensamento sobre a cidade a um livro resultado de doutoramento na Universidade da Sorbonne. Mas, o que mais importa é o processo de construção desses diferentes significados; na obra *L'Urbanisme*, figura discursiva, signo, sistema de relações, sistema de signos; em *A Regra e o Modelo*, espaço-modelo e modelo-espaço, figura mito, materialização do ideal.

A partir da leitura de Choay e dos autores e seus textos, do suporte teórico da análise estrutural e da semiótica, foi possível afirmar que não são mais nove modelos em *L'Urbanisme*. Cada pensador da cidade selecionado por Choay pode ter elaborado um modelo ou não - outras semelhanças foram constituídas, outras nomações também sofreram alterações e os signos como figura discursiva ou recurso metodológico, por estarem relacionados aos modelos, semanticamente emergiram.

É a própria Choay (1979, pp. 52, 54 e 55) que enuncia ser a cidade um objeto, um quadro de relações interconscienciais, lugar consumidor de sistemas de signos, deixando ainda um conselho aos urbanistas: abandonar a formulação verbal e de desenho de *modelos*, rejeitar repetição, fórmulas fixas, buscar sistemas de relações, flexíveis, abertos a multiplicidades de significados.

Dentre as dissonâncias identificadas nos dois textos de Françoise Choay analisados, destaca-se, também, a posição ocupada por Le Corbusier. As figuras mitizantes adotadas para a interpretação do que entendia por modelo, ou espaço-modelo, parecem ter sofrido alterações nas duas obras. Em *L'Urbanisme*, Choay chega a caracterizar Le Corbusier como “O URBANISTA REI” reiterando sua admiração pelo arquiteto franco-suíço e por suas contribuições. No entanto, em *A regra e o modelo*, os qualificadores do arquiteto mudam significativamente, a autora chega a afirmar, em caráter conclusivo, que, no tocante às teorias do urbanismo “(...) as obras de Le Corbusier, perdem o significado inaugural que seus historiógrafos lhes haviam concedido com unanimidade” (CHOAY, 1985. p. 308). Como bem defende Lévi-Strauss (2008. p. 233): “mito continua sendo mito enquanto for percebido como tal”; a percepção de Choay, considerando o intervalo temporal de 1965 a 1980 – data de publicação das primeiras edições das obras citadas, redefiniu a caracterização do arquiteto suíço-francês enquanto mito no campo do urbanismo, ou, para usar as palavras da autora francesa de: “URBANISTA REI”.

Outras figuras parecem, então, orbitar como mitos na prática discursiva de Françoise Choay: Ildefons Cerdà (CHOAY, 1985, pp. 273 e 308), Leon Battista Alberti e Thomas Morus. Com apoio no que chamou de “textos instauradores”, a autora defendeu (1985. p. 309): “que todos os textos instauradores são estruturados por uma figura mitizante – poder-se-ia dizer metamítica – que serve para resolver simbolicamente os problemas teóricos, mas também práticos, colocados pela emancipação do ato de edificar”. O dualismo explorado como recurso por Choay parece prescindir do estabelecimento de figuras mitizantes, ao mesmo tempo, ao fazê-lo, suas interpretações podem ser tomadas como categóricas, não suscitando críticas mais aprofundadas. Com efeito, poderíamos qualificar o processo de significação como metamítico, uma vez que os discursos têm como centro o mito, seja na interpretação, seja na construção do enunciado.

Estaria Alberti ocupando posição de figura mitizante em *A regra e o modelo* semelhante à atribuída a Le Corbusier em *L'Urbanisme*? Seria este recurso discursivo uma forma de consolidar e cristalizar suas interpretações? Em que medida esses mitos ancoraram a “arqueologia da teoria da edificação”, adotando as palavras de Françoise Choay?

É a própria Choay quem sugere algumas direções ao encerrar *A regra e o modelo*, quando argumenta que decifrar os textos instauradores pode indicar caminhos que “não são retilíneos, nem simples, nem



destacados do passado. Enveredar por eles poderia ter como resultado uma edificação jamais realizada, desmistificada e que escapa doravante à hegemonia da regra como ao totalitarismo do modelo. Assim estaria assegurada a substituição legítima dos antigos mitos de fundação” (CHOAY, 1985. p. 319). O uso da qualificação “desmistificada” para uma outra e possível forma de edificar, substituindo, assim, os antigos mitos fundadores sugere a anuência de Choay quanto aos riscos da adoção de figuras mitizantes como eixos norteadores. Contudo, é importante atentar para as múltiplas possibilidades de caracterização de *modelos*, uma vez que estes derivam de um processo de significação, e, não, tomá-los como verdades absolutas e incontestáveis.

Em ambos textos é possível evidenciar um modo particular de Françoise Choay na construção do pensamento. A autora elabora uma linha de raciocínio, apresentando atenuantes aos argumentos expostos, sobretudo nas linhas conclusivas das obras, que conduzem o leitor a aderir à argumentação e enaltecem o estabelecimento de um consenso.

## 5. Considerações Finais

O mundo das palavras de Françoise Choay apresenta-se como campo fértil para novas interpretações e outros enquadramentos possíveis. A adoção da palavra *modelo* como fio condutor possibilitou o entrelaçamento entre as interpretações de Choay, a tradução das fontes documentais e o diálogo com suas referências.

Nessa costura, as fronteiras entre distintos campos disciplinares mostraram-se tênues, evidenciando o trânsito da filósofa francesa por diferentes áreas do saber. Seu papel enquanto intérprete de diferentes autores em *L'Urbanisme* e em *A regra e o modelo* nos coloca, portanto, diante do desafio de escavar suas palavras e evidenciar os seus silêncios.

## 6. Agradecimentos

Registramos o nosso agradecimento ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo incentivo e suporte por meio da concessão das bolsas de Produtividade e de Pós-Doutorado Júnior às pesquisadoras e autoras deste artigo, à Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e ao Laboratório de Urbanismo e Patrimônio – Lup.

## 7. Bibliografia

BAUDIN, Gérard et GENESTIER, Philippe. « Faut-il vraiment démolir les grands ensembles ? » In *Espaces et Sociétés*, Éditions Érès. 2006/1 (n 124-125), pp. 207 à 222.

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 16ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHOAY, Françoise. *L'urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Seuil, 1965.

\_\_\_\_\_. *Urbanismo, utopias e realidades: uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. *L'urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Seuil, 2014.

CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

\_\_\_\_\_. « Ces nombreuses mais tristes HLM ». *France Observateur*, n. 515, 31/03/1960, pp. 19-20.

\_\_\_\_\_. « Grands ensembles et petites constructions ». *Arts de France*, t. IV, 1964, pp. 387-391.

CHOAY, F. Remarques à propos de sémiologie urbaine. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, n. 153, p.



9-10, dezembro 1970.

CHOAY, F. Sémiologie et urbanisme. In: CHOAY, F., et al. *Le Sens de la ville*. Paris: Le Seuil, 1972. p. 11-30.

CHOAY, F. El Urbanismo, utopías y realidades. Traducción Luis del Castillo. Barcelona: Editorial Lumen, 1970a.

CHOAY, F. *La Città: utopie e realtà*. Traduzione di Paola Ponis. Torino: G. Eunadi, 1973.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*. Tradução Maria José Ferreira de Castilho. Campinas, SP: Papirus, 1994.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: COSAC NAIFY, 2008.

\_\_\_\_\_. *Antropologia Estrutural Dois*. Tradução e coordenação de Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

\_\_\_\_\_. *Antropologia Estrutural*. Cosacnaify, 2017.

MORUS, Thomas. *A Utopia*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

OUAHÈS, R. *Chronique d'une mort annoncé*: Essai d'interprétation de la théorie d'urbanisme de François Choay, en regard du concept de "mort" appliqué à l'architecture et à la ville. École d'Architecture Paris-Belleville, UParis VIII, 1999.

PANE, Andrea. "Françoise Choay dall'urbanismo al patrimonio: architettura, urbanistica e restauro tra Francia e Italia". In: BELLI, Attilio (a cura di). *Pensare lo spazio urbano*: intrecci tra Italia e Francia nel Novecento. Milano (Italia): Franco Angeli, 2020.

PAQUOT, Thierry. "Interview avec Françoise Choay". *Revue Urbanisme*, n. 278-279, p. 5-11, 1994.

\_\_\_\_\_. Die Städtebauteoretikerin Françoise Choay. Eine diskursbildende Propagatorin der Disziplin". In: FREY, Katia und PEROTTI, Eliana (Hg.). *Frauen blicken auf die Stadt: Architektinnen Planerinnen, Reformerrinnen* (Theoretikerinnen des Städtebaus II Reimer). Berlin/ Germany: Reimer, 2019. (A Teórica do Urbanismo Françoise Choay. Um discurso propagador da disciplina).

PEIXOTO, Priscilla. "Por uma leitura situada de urbanismo: Utopias e Realidades. Uma antologia (1965), de Françoise Choay". *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 23, E202117pt, 2021, pp. 1-28. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6458>. Acessado em 28/7/2021.

SILVA PEREIRA, Margareth da. "Apresentação". In GAUDIN, Jean-Pierre. *Desenho e futuro das cidades – uma antologia*. Tradução Estela dos Santos Abreu, Waleska Moysés. 1ª edição – Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

SERRANI, Silvana. "Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico". *Alea* vol.10 n°2 Rio de Janeiro July/Dec. 2008.

VIOLEAU, Jean-Louis. *Les Architectes et mai 68*. Paris: Éditions Recherches, 2005.



## Virginia Pontual

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco em 2018. Possui Pós-Doutorado na Universidade de Lille<sup>1</sup>, França, e na FAUUSP (2009-2010) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela USP (1998). Presidente da ANPUR - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (2013-2015). Membro do Júri VII Prêmio Brasileiro de Política e Planejamento Urbano e Regional, categoria doutorado. Representante no Comitê de Assessoramento (CA-SA) do CNPq, área planejamento urbano e regional. Fundadora e Pesquisadora do Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural, Pesquisadora da Rede: Urbanismo no Brasil. Membro da Rede Internacional Lebrecht-Lrfed. Bolsista produtividade do CNPq 1B. Presidente do Conselho de Administração do Centro de Estudos Avançados em Conservação Integrada (CECI, 2011-13). Artigos completos publicados em periódicos nacional e internacional, livros, capítulos de livros e comunicações em anais de congressos. Orientações concluídas de doutorado e mestrado. Têm experiência em Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História Cultural, atuando nos temas: práticas urbanísticas, trajetórias profissionais, representações, fortuna crítica, cidade/texto/significações e patrimônio cultural.

**Contribuição de coautoria:** Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Supervisão; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição

## Júlia da Rocha Pereira

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pernambuco (2009), com mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional MP-IPHAN (2012) e doutorado em Desenvolvimento Urbano pelo MDU-UFPE (2021). Foi contemplada com a bolsa SWE - CNPq (doutorado sanduíche) para realização de pesquisa na Itália, na Università degli Studi di Napoli Federico II, no ano de 2018. Atuou como Chefe do Escritório Técnico do IPHAN em Olinda (2013-2014), como Coordenadora Técnica da Superintendência do IPHAN em Pernambuco (2014), como arquiteta e urbanista do Programa PAC Cidades Históricas - PAC CH - IPHAN (2014-2017) e como professora de cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Atualmente, desenvolve investigação de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco – MDU-UFPE, com bolsa de Pós-doutorado Júnior - CNPq e atua como pesquisadora do Laboratório de Urbanismo e Patrimônio da UFPE.

**Contribuição de coautoria:** Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

**Agências de fomento da pesquisa:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**Como citar:** PONTUAL, Virginia, PEREIRA, Júlia da R. No mundo das palavras de Françoise Choay: decodificando o modelo. *Paranoá*. n.35, ago/dez 2023. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n35.2023.02.

**Editores responsáveis:** Elane Ribeiro Peixoto, Ana Clara Giannecchini e Priscilla Peixoto.